

## XXV ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – XXV ENANCIB

### GT 09 – Museu, Patrimônio e Informação

#### ESPÉCIME BIOLÓGICO, OBJETO MUSEOLÓGICO: CONSIDERAÇÕES SOBRE A RECUPERAÇÃO DA INFORMAÇÃO NA COLEÇÃO DA SEÇÃO DE ANATOMIA PATOLÓGICA DO MUSEU DA PATOLOGIA DO INSTITUTO OSWALDO CRUZ

#### *BIOLOGICAL SPECIMEN, MUSEUM OBJECT: CONSIDERATIONS ON RECOVERING INFORMATION IN THE COLLECTION OF THE PATHOLOGICAL ANATOMY SECTION OF THE PATHOLOGY MUSEUM OF THE OSWALDO CRUZ INSTITUTE*

**Maria Karla Belo da Silva Tavares** – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO)

**Marcio Ferreira Rangel** – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO)

**Barbara Cristina Euzébio Pereira Dias de Oliveira** – Fundação Oswaldo Cruz (FIOCRUZ)

#### Modalidade: Trabalho completo

**Resumo:** Este trabalho analisa os desafios relacionados à recuperação, ao tratamento e à preservação das informações documentais da Coleção da Seção de Anatomia Patológica do Museu da Patologia do Instituto Oswaldo Cruz. O objetivo consiste em compreender de que maneira a documentação contribui para a qualificação de coleções biológicas como objetos museológicos. A pesquisa fundamenta-se em referenciais teóricos da Museologia e da Ciência da Informação, adotando abordagem qualitativa que integra análise documental, revisão bibliográfica e estudo de caso. Os resultados apontam para obstáculos históricos vinculados à rastreabilidade e à possibilidade de associação dos espécimes anatômicos aos seus registros originais, destacando-se as perdas documentais ocorridas durante a ditadura militar, período em que parte do acervo foi dispersada. Identificam-se também iniciativas voltadas à reconstituição de vínculos informacionais por meio de fontes secundárias, como artigos científicos, evidenciando a relevância da documentação como mediadora entre o patrimônio científico e cultural. Conclui-se que a musealização de coleções biológicas requer uma abordagem teórico-técnica aprofundada, capaz de integrar dados primários, como nome científico, diagnóstico histopatológico e informações sobre o coletor, a elementos contextuais, como ambiente de origem, condições de preservação e contextos científicos e sociais em que os espécimes foram produzidos e utilizados.

**Palavras-chave:** documentação museológica; coleções biológicas; museologia; Ciência da Informação; Museu da Patologia.

**Abstract:** This paper analyzes the challenges related to the recovery, treatment, and preservation of documentary information from the Collection of the Pathological Anatomy Section of the Oswaldo Cruz Institute's Museum of Pathology. The objective is to understand how documentation contributes to the qualification of biological collections as museum objects. The research is based on theoretical frameworks from Museology and Information Science, adopting a qualitative approach that integrates documentary analysis, bibliographic review, and case study. The results point to historical obstacles linked to traceability and the possibility of associating anatomical specimens with their original records, highlighting the documentary losses that occurred during the military dictatorship, a period during which part of the collection was dispersed. Initiatives aimed at reconstituting informational links

through secondary sources, such as scientific articles, are also identified, highlighting the importance of documentation as a mediator between scientific and cultural heritage. It is concluded that the musealization of biological collections requires an in-depth theoretical-technical approach, capable of integrating primary data, such as scientific name, histopathological diagnosis and information about the collector, with contextual elements, such as environment of origin, preservation conditions and scientific and social contexts in which the specimens were produced and used.

**Keywords:** museum documentation; biological collections; museology; Information Science; Museum of Pathology.

## 1 INTRODUÇÃO

Os museus de anatomia patológica reúnem materiais singulares na representação da anatomia e das doenças, constituindo-se como espaços em que ensino, pesquisa e difusão do conhecimento se encontram no cerne da formação das primeiras coleções, ainda no século XVIII, no continente europeu. Tais acervos desempenharam papel central como recurso educacional nas escolas médicas e nos centros científicos entre o final do século XIX e o início do XX. Até o século XVIII, a criação de coleções anatomopatológicas ocorreu de forma fortuita, muitas vezes à margem dos estudos de anatomia normal. Somente a partir do desenvolvimento da patologia, no final desse século, consolidou-se a formação de coleções específicas, resultantes de investigações médicas vinculadas diretamente à exploração do corpo humano, seja por meio de autópsias, seja pelo estudo de diferentes espécimes. Nesse contexto, eram buscadas correlações patoclínicas, e a dimensão didática passou a desempenhar papel fundamental no processo de constituição das coleções médicas (Paluchowski *et al.*, 2016, p. 209).

De acordo com Alberti (2005), os museus de anatomia humana, especialmente aqueles vinculados a hospitais universitários, obtinham seus espécimes a partir de pacientes falecidos, cujas partes do corpo adquiriram novos significados ao serem transferidas e preservadas em preparados anatômicos. Nesse processo, seguia-se uma lógica semelhante à aquisição de plantas, animais ou livros: “[...] o que antes era sujeito tornava-se objeto, transformando-se em cultura material por meio dos processos de coleta, armazenagem e exposição” (Alberti, 2005, p. 560). Essa transformação ressoa com o conceito de espécime estendido<sup>1</sup>, segundo o

---

<sup>1</sup> O termo "espécime estendido" (extended specimen) refere-se a uma abordagem na pesquisa científica que visa integrar dados diversificados e desconectados de um espécime biológico para facilitar novas formas de pesquisa e análise. Essa abordagem, popularizada por Michael S. Webster em sua obra "The Extended Specimen", reconhece que um espécime não é apenas um objeto físico, mas um ponto focal para uma vasta quantidade de informações digitais e físicas que podem ser exploradas de maneira interconectada.

qual o valor de um espécime não se limita à sua forma física, podendo ser ampliada quando integrado a um conjunto de informações que podem ser exploradas de maneira interconectadas. No caso das preparações anatômicas, os dados clínicos e históricos constituem um testemunho multidimensional capaz de dialogar com áreas como patologia, museologia e história da ciência.

Na Museologia, essa conversão, do contexto cotidiano do objeto para o universo simbólico do museu, denomina-se musealização. O objeto não perde completamente sua funcionalidade, tampouco se pode afirmar que "morre" em relação ao mundo do qual fazia parte anteriormente; no entanto, ele deixa de exercer suas funções originais para passar a ser compreendido como símbolo ou signo, inserido em uma nova lógica interpretativa dentro do contexto museal (Brulon, 2015, p. 108). Ao ser musealizado, o bem cultural passa a representar valores simbólicos, históricos, artísticos e culturais de relevância, destacando-se como testemunho material ou imaterial de realidades sociais, culturais e identitárias (Lima, 2012, p. 33-35).

No caso específico de coleções anatômicas, a musealização exige um aprofundamento teórico e técnico capaz de articular informações primárias a elementos contextuais, tais como o ambiente de origem, as condições de preservação e os contextos científicos e sociais nos quais os espécimes foram produzidos e utilizados. Por exemplo, o número de autópsia indicado nas etiquetas das peças pode funcionar como ponto de partida para buscas em arquivos históricos, prontuários médicos e publicações científicas. Essa integração informacional é indispensável para consolidar o objeto como documento capaz de carregar significados culturais, históricos e epistemológicos, ampliando seu valor enquanto testemunho multidimensional do patrimônio científico e da memória institucional.

As primeiras preparações anatômicas preservadas no Museu de Anatomia Patológica de Manguinhos, entre 1903 e 1970, têm sua origem vinculada às epidemias de doenças infecciosas, como malária, peste bubônica e febre amarela, que marcaram o início do século XX. Esses espécimes foram obtidos por pesquisadores da instituição a partir de corpos provenientes de Hospitais de Isolamento, com a finalidade de subsidiar estudos e diagnósticos histopatológicos (Tavares; Barbosa; Oliveira, 2023). No ordenamento jurídico brasileiro, o cadáver é definido como uma "coisa especial", categoria que reflete a complexidade de sua natureza legal. Embora deixe de ser reconhecido como pessoa titular de direitos, o corpo pós-morte permanece protegido por princípios fundamentais, como a inviolabilidade e a

indispensabilidade. A legislação admite, contudo, seu uso em situações específicas, entre as quais se destacam o ensino, a pesquisa científica e demandas de interesse da Saúde Pública. Nesse escopo, inclui-se a realização de autópsias e demais exames necessários para esclarecer mortes sem assistência médica, bem como a determinação de inumação imediata em cenários de epidemias (Souza; Botelho, 1999).

O processo de transformar indivíduos em objetos científicos envolve a erradicação de sua identidade e humanidade, substituindo-as por classificações sistemáticas. Contudo, essa objetificação nunca é totalmente completa. Os espécimes anatômicos continuam carregados de valores diferentes que podem ser contextualizados por meio da sua informação associada, acessada por meio de registros e prontuários médicos, catálogos, anotações e pesquisas científicas em que podemos traçar os caminhos de objetos individuais. Assim, o objeto seja analisado como um testemunho multidimensional, uma interseção entre o patrimônio cultural da ciência e da saúde (Claes; Deblon, 2018).

Conforme defendido por Sanjad e Costa (2021), a documentação museológica é indispensável para transformar coleções biológicas em fontes de pesquisa científica e cultural, pois os objetos musealizados transcendem sua função original para dialogar com múltiplas áreas do saber, conectando ciência, história e cultura em um único campo de significados. Especialmente no contexto de coleções anatômicas, ressalta-se que essas peças não devem ser vistas como objetos isolados, mas como elementos que fazem parte de um sistema mais amplo de conhecimentos técnico-científicos. É por meio da documentação que o objeto é entendido a partir de suas relações com outros objetos em um dado meio, “[...] tais referências tornam-se dados do objeto, sobre o objeto e ao redor do objeto a serem registrados” (Ceravolo, 1998, p. 33).

A musealização de bens culturais, incluindo acervos científicos e coleções biológicas, configura-se como um processo interdisciplinar que transcende a mera incorporação dos objetos ao espaço museológico. Tal processo implica a ressignificação do espécime, que deixa de ser apenas item utilitário ou técnico para assumir o papel de testemunho cultural e científico. Nesse contexto, as diretrizes estabelecidas pelo Manual de Digitalização (2018) da Fundação Oswaldo Cruz ressaltam a relevância dos metadados e da interoperabilidade entre sistemas como elementos fundamentais para garantir a recuperação eficaz das informações e a qualificação dos acervos enquanto objetos museológicos. No caso específico de coleções anatômicas, como acervos histopatológicos, a musealização exige um aprofundamento

teórico e técnico capaz de articular informações primárias, incluindo: nome científico, diagnóstico histopatológico e dados do coletor. A contextualização de espécimes biológicos em coleções anatômicas depende da documentação que os acompanha, integrando informações primárias, como nome científico, diagnóstico histopatológico e dados do coletor, a elementos contextuais, tais como o ambiente de origem, condições de preservação e os contextos científicos e sociais nos quais os objetos foram produzidos e utilizados.

Essa associação informacional é indispensável para consolidar o objeto como um documento que carrega significados culturais, históricos e epistemológicos. Dessa maneira, o trabalho busca investigar as dificuldades de recuperação, tratamento e manutenção das informações documentais de casos clínicos originais da Coleção da Seção de Anatomia Patológica (SAP) do Museu da Patologia (MP/IOC), visando compreender como a documentação pode qualificar coleções biológicas científicas como objetos museológicos e ampliar seu valor científico, cultural e histórico.

A pesquisa se concentrou nas peças que estavam identificadas por etiquetas, ao todo 132 espécimes, no levantamento de patologias recorrentes no inventário de 2007, realizado pela equipe do Museu da Patologia como parte do projeto de recuperação da CSAP (Oliveira; Machado, 2011) e no mapeamento de pesquisadores que trabalharam no laboratório na busca por identificar, em suas produções, informações que auxiliem a identificação das peças e a sua contextualização. Os critérios para a identificação e análise das peças e documentos da coleção incluíram a correspondência entre espécimes e fontes secundárias, como artigos científicos, além de fichas de inventário e observações curatoriais.

## **2 ENTRE AUTÓPSIAS, DIAGNÓSTICOS E PATRIMÔNIO: UMA ANÁLISE DA COLEÇÃO DA SEÇÃO DE ANATOMIA PATOLÓGICA DO MUSEU DA PATOLOGIA DO INSTITUTO OSWALDO CRUZ**

A aproximação entre laboratório e medicina, e mesmo o uso de microscópio não faziam parte da rotina da educação médica nas faculdades de Medicina da Bahia e do Rio de Janeiro. É com a criação do Instituto Soroterápico Federal, em 1900, sob a direção geral do Barão de Pedro Affonso [1845-1920] e direção técnica de Oswaldo Cruz [1872-1917] que a medicina experimental com a junção entre a clínica médica e o diagnóstico histológico pôde ser implementado no país (Stepan, 1976).

Em 1902, devido a desacordos entre a missão e os objetivos estratégicos da instituição, Oswaldo Cruz assumiu a Direção Geral de Saúde (órgão semelhante ao atual Ministério da Saúde). Ele absorveu as funções primárias e ampliou o conhecimento científico e tecnológico necessário para a consolidação da Fiocruz, o que incluía a visão de transformar Manguinhos em um centro de investigação científica experimental com três pilares distintos: (1) Fabricação de produtos biológicos; (2) Pesquisa; e (3) Ensino. Essa abordagem se aproximava das vertentes estabelecidas pelo Instituto Pasteur (1888) e, ainda hoje, define o perfil do grande conglomerado que é a Fundação Oswaldo Cruz (Benchimol, 2022). De fato, Oswaldo Cruz reunia profissionais talentosos que poderiam levar a cabo o planejamento de ampliação do instituto. Entre eles, o jovem médico Henrique da Rocha Lima [1879-1956] que frequentava as instalações de Manguinhos antes de iniciar sua capacitação na Universidade de Berlim, em 1901. De acordo com André Felipe Cândido da Silva (2011, p. 70), “[...] o perfil germânico de ensino se afirmava como o mais adequado ao cultivo das ciências, fazendo da capital alemã a Meca dos que aspiravam fazer ou completar seus estudos em medicina”.

O modelo alemão associava a atividade docente com a da prática laboral, realizada nos institutos anexos às universidades ou fora delas, e essa vivência foi fundamental para a criação do Museu de Anatomia Patológica de Manguinhos em 1903, durante a epidemia de Febre Amarela na capital federal, na época, a cidade do Rio de Janeiro. O museu estava ligado diretamente ao Laboratório de Bacteriologia e Anatomia Patológica, chefiado por Henrique da Rocha Lima no mesmo período. A sua formação estava associada às pesquisas da infecção antiamarilica, no contexto das teorias de doenças infecciosas aos microrganismos, estendendo tal correlação às patologias veterinárias e humanas (Edler, 1999).

Baseado nessas pesquisas, preconizou a introdução de práticas de esterilização e assepsia, que balizaram a higiene e saúde pública nos anos seguintes. Sobre os Institutos de Anatomia, de Histologia, de Anatomia Patológica e de Bacteriologia da Universidade de Berlim: “Todos [...] funcionam em grandes edifícios separados, completamente novos e construídos para os fins que se destinam [...] dispendo de todas as adaptações necessárias e de uma abundância e variedade de material de ensino” (Sodré, 1902, p. 453). Mais adiante, comenta sobre a visita ao Instituto do professor Virchow onde aprecia “[...] a rica coleção de peças anatomopatológicas, conservadas pelo novo processo do Dr. Kaiserling, que garante às vísceras a cor e o aspecto quase idênticos aos que ellas têm no estado fresco” (Sodré, 1902, p. 453).

Ao frequentar o serviço de Rudolf Virchow, um dos fundadores da patologia moderna, Rocha Lima buscava "beber na fonte" do conhecimento, adquirindo habilidades e técnicas avançadas que ele poderia aplicar em suas análises histológicas voltadas à clínica (Silva, 2011, p. 75-79).

Virchow queria usar seu museu de três maneiras. Nos três andares superiores, os alunos e colegas podiam ver preparações em estudo privado. Os dois andares inferiores, a chamada coleção de exposição, estavam abertos ao público interessado. Na sala de aula, Virchow explicava preparações de todos os níveis do museu para seus alunos, a fim de ensinar seus ouvintes, como ele dizia, a ver clinicamente. Séries de diferentes quadros clínicos ilustram diferentes manifestações de certas enfermidades. O curso da doença era claramente demonstrado. Um impressionante livro didático tridimensional de patologia tinha sido criado (The Berlin Museum of Medical History, 2024, tradução nossa”).

Oswaldo Cruz, ao assumir seu primeiro mandato à frente da Diretoria Geral de Saúde Pública em 1903, buscava a erradicação da Febre Amarela. Para alcançar esse objetivo, os pesquisadores do então Instituto Soroterápico de Manguinhos dedicaram-se ao estudo da anatomia patológica da doença e ao seu diagnóstico por meio de necropsias. Após cada exame necroscópico, os órgãos mais afetados eram coletados nos Hospitais de Isolamento e incorporados ao acervo do Museu do Instituto Soroterápico de Manguinhos, atualmente Museu da Patologia do Instituto Oswaldo Cruz, reflete o reconhecimento da excelente produção científica de Manguinhos e da difusão do conhecimento brasileiro no exterior.

**Figura 1:** A história do Instituto Oswaldo Cruz é retratada por imagens de seu Laboratório de Bacteriologia e Anatomia Patológica (1903), a publicação de peste bubônica (1909), o acervo de peças anatômicas na Exposição Internacional de Higiene de Dresden (1911), a visita de Albert Einstein (1921), uma etiqueta de peça cirúrgica (s/d) e a equipe da Seção de Anatomia Patológica com o Dr. Margarino Torres e a Dra. Rita Cardoso (c.1940-50).

XXV Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação - XXV ENANCIB  
Rio de Janeiro, RJ - 03 a 07 de novembro de 2025



Fonte: Acervo da Casa de Oswaldo Cruz/ Museu da Patologia do Instituto Oswaldo Cruz (2025).

O material analisado era proveniente de dezenas de autópsias realizadas em hospitais de isolamento no Rio de Janeiro, conforme procedimento padrão estabelecido para pacientes diagnosticados com doenças infecciosas. Ficou determinado que todas as peças anatômicas resultantes dos trabalhos e pesquisas do Instituto deveriam ser protocoladas no Museu do Instituto Soroterápico de Manguinhos. Além disso, tornou-se obrigatória a organização de uma Coleção de preparados de histologia normal e patológica, bem como de embriologia comparada e humana. Para abrigar o Museu e essa Coleção, juntamente com a Coleção Entomológica e a Biblioteca, uma sala no Castelo Mourisco foi designada como sede (Oliveira; Machado, 2011).

A Seção de Anatomia Patológica (SAP), uma das unidades basilares de Manguinhos, possuía a incumbência de manter o Museu da Patologia. Para tanto, suas atribuições incluíam: 1. o registro sistemático e minucioso dos resultados de trabalhos e pesquisas de autópsias; 2. a catalogação das peças anatômicas examinadas, em colaboração com a equipe do Museu; 3. a salvaguarda e a conservação do acervo patrimonial construído pela investigação científica, conforme estabelecido pelo Decreto n. 17.512, de 5 de novembro de 1926. Os primeiros quinze anos da história da instituição foram marcados por instabilidade e desafios. Houve alternância entre períodos de grande desenvolvimento e estruturação e fases de estagnação, influenciadas pelas condições políticas e nacionais da época (Lenzi, 2000).

Entre as décadas de 1920 e 1950, em seu auge, a Coleção da Seção de Anatomia Patológica (CSAP), localizada no Castelo Mourisco, contava com cerca de 40 armários

contendo milhares de peças anatômicas. A coleção era acompanhada por um extenso registro informacional de cada caso, incluindo prontuários, livros de registro, etiquetas, fotografias e protocolos, que identificavam e relacionavam o espécime biológico com a pesquisa gerada a partir de sua análise. A seleção dos casos suspeitos era realizada por meio do acompanhamento clínico dos pacientes internados em hospitais de campanha na cidade. O estudo das lesões histopatológicas ocorria por meio de necropsias, coleta de órgãos e diagnóstico post-mortem. As pesquisas conduzidas por Rocha Lima acerca da febre amarela resultaram em um diagnóstico histopatológico preciso da doença, sendo ele o primeiro a descrever lesões específicas no fígado, o que possibilitou sua identificação e, posteriormente, contribuiu para a delimitação das áreas de incidência (Tavares; Barbosa; Oliveira, 2023).

O Museu de Anatomia Patológica do Instituto Oswaldo Cruz funcionou, entre os anos de 1918 e 1950, no terceiro andar do Castelo Mourisco, integrando o circuito oficial de visitação de autoridades e especialistas. Este espaço destinava-se à exposição de materiais, peças e coleções vinculadas às áreas de parasitologia, zoologia, anatomia patológica, virologia, micologia e patologia tropical (Aragão, 1950). Durante as décadas de 1940 e 1950, importantes transformações ocorreram nas coleções do Instituto. A coleção entomológica foi transferida para o Castelo Mourisco, e a Seção de Anatomia Patológica foi reorganizada, passando a compor a recém-criada Divisão de Patologia. Esta, por sua vez, foi alocada em um novo edifício de cinco pavimentos, o Pavilhão da Patologia, que incorporava novas seções, como Hematologia e Medicina Experimental, desvinculando-se do espaço anterior no Castelo Mourisco.

A aparente estabilidade e celebração em torno da construção do edifício destinado à Divisão de Patologia revelou-se, na prática, um desafio significativo em termos de manutenção e de preservação das peças do museu. Inicialmente, o último pavimento do Pavilhão foi reservado para abrigar o salão expositivo, bem como armários contendo peças anatômicas, lâminas histológicas, blocos e documentação. Contudo, com a expansão das Seções de Hematologia e Medicina Experimental, somada ao crescimento do acervo e às disputas internas no âmbito institucional, o museu passou a perder espaço, o que resultou, em diversas ocasiões, no deslocamento inadequado e na perda de parte do acervo (Tavares *et al.*, 2023). A partir da década de 1960, observa-se, por meio de decretos oficiais, o reconhecimento institucional apenas da coleção anatomopatológica, e não mais do Museu da Patologia em sua integralidade. Nesse mesmo período, registra-se a existência de um museu

sob a responsabilidade da Biblioteca, localizado no Castelo Mourisco, “[...] destinado a estudos médico-biológicos e à documentação e demonstração das atividades do I.O.C.” (Brasil, 1962).

A Divisão de Patologia foi uma das unidades mais severamente atingidas pela intervenção militar ocorrida em 1º de abril de 1970, episódio amplamente conhecido como o "Massacre de Manguinhos". A área de Patologia, que já vinha sendo desvalorizada e negligenciada institucionalmente desde a década de 1960, teve suas seções desativadas e suas atividades encerradas. Herman Lent (2019, p. 28) descreve os efeitos desse processo sobre os laboratórios e coleções científicas da instituição: “destruíram-se laboratórios de fisiologia, de bioquímica, de farmacologia, de patologia [...] as magníficas coleções de insetos e helmintos produzidas desde a fundação do Instituto, com a notícia que se propala de que serão doadas a outras instituições.”

De acordo com o sociólogo Gilson Antunes da Silva, durante a ditadura militar, em especial à época do presidente Vinícius da Fonseca [1975-1979] foi um período de acentuada modernização tecnológica e modificação da missão e visão institucional, em que, aliada ao contexto de perseguição política-militar acontece a oportunidade de se desfazer de equipamentos, espaços e coisas em ‘defasagem’. “Houve uma mudança total de microscópios e equipamentos em vários laboratórios”. Então houve um boom de se jogar coisas fora, incluindo coleções científicas” (Soares; Nogueira, 2017, p. 26). Em 1984, a Patologia é reintegrada ao Instituto Oswaldo Cruz com novas chefias e linhas de pesquisa, nesse período, parte da CSAP é encontrada em um espaço abandonado no Hospital Evandro Chagas (Fiocruz), mas devido ao estado de conservação não foi possível recuperar o acervo. No início dos anos 2000, outra parte da coleção é localizada em outra parte do campus Manguinhos, no Rio de Janeiro, mas desta vez, a recuperação do acervo consegue ser realizada como o movimento de reorganização do Museu da Patologia (MP) com três coleções histopatológicas: a original, a CSAP (1903-1970), a Coleção de Febre Amarela (1928-1970) e a Coleção do Departamento de Patologia (1984).

O Museu da Patologia do Instituto Oswaldo Cruz consolidou-se como o principal responsável pela preservação do legado da Seção de Anatomia Patológica, por meio da guarda e conservação do acervo de peças anatômicas e lâminas histológicas que compõem a Coleção da Seção de Anatomia Patológica (CSAP), oficialmente reconhecida como coleção institucional em 2017. Composta por 864 peças anatômicas, essa coleção constitui não apenas um recurso

valioso para pesquisadores, educadores e profissionais da área da saúde, mas também um registro material significativo da história da patologia no Brasil. Ao manter e divulgar esse patrimônio, o Instituto Oswaldo Cruz reafirma seu compromisso com a ciência, a educação e a preservação da memória científica, consolidando-se como referência nacional e internacional na pesquisa biomédica. Analisar sua estrutura oferece insights cruciais sobre a formação e institucionalização das disciplinas científicas no Brasil ao longo do século XX.

### **3 OS DESAFIOS DA RECUPERAÇÃO INFORMACIONAL EM FONTES PRIMÁRIAS E SECUNDÁRIAS NAS COLEÇÕES BIOLÓGICAS EM MUSEUS DE ANATOMIA PATOLÓGICA**

De acordo com pesquisa realizada pelo *History of Pathology Working Group*, a documentação clínica original é usada para descrever cerca de 59% dos espécimes biológicos preservados pelos museus de anatomia patológica, isso resulta da diminuição, como no descaso das coleções e dos museus de anatomia patológica no século XX, cujo o tamanho das coleções registram até 1.000 objetos (Santi *et al.*, 2022, p. 1239).

Apesar dos dados apresentarem um panorama internacional, encontramos similaridades em museus nacionais, como a identificação de espécimes por meio de suas numerações, fotografias e/ou descrições de lesões por meio da documentação clínica, como sua correlação em publicações. Este, é uma das metodologias utilizadas na recuperação de informações do acervo remanescente da antiga Seção de Anatomia Patológica (IOC) e agora preservadas na Coleção da Seção de Anatomia Patológica (MP/IOC).

No caso específico da Coleção da Seção de Anatomia Patológica (CSAP) do Museu da Patologia do Instituto Oswaldo Cruz, observou-se que a documentação ainda enfrenta desafios de consistência e recuperação informacional. A ausência de correlações precisas entre etiquetas, registros documentais e fontes históricas compromete a capacidade de atribuir valores simbólicos e científicos aos objetos. Isso ressalta a necessidade de investimentos em estratégias que integrem a documentação museológica aos sistemas de informação científica, como forma de assegurar a rastreabilidade e a autenticidade dos espécimes.

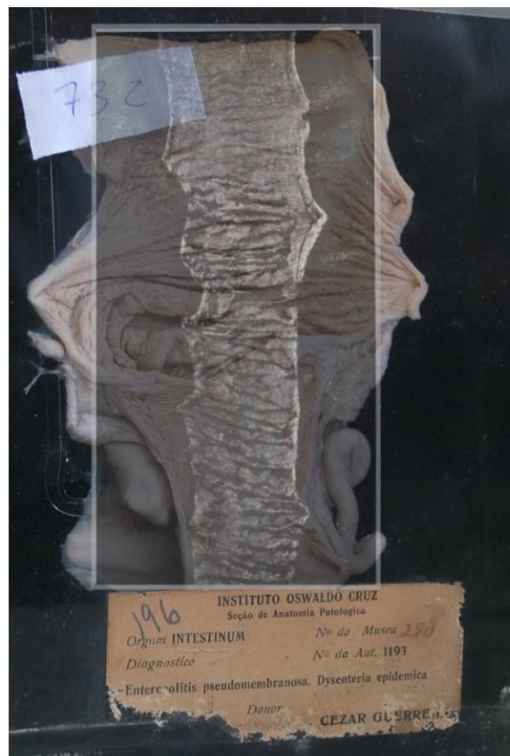
A pesquisa se concentrou nas peças que estavam identificadas por etiquetas, ao todo 132 espécimes, no levantamento de patologias recorrentes no inventário de 2007, realizado pela equipe do Museu da Patologia como parte do projeto de recuperação da CSAP (Oliveira; Machado, 2011) e no mapeamento de pesquisadores que trabalharam no laboratório na

busca por identificar, em suas produções, informações que auxiliem a identificação das peças e a sua contextualização.

Nesse contexto, foi consultada a existência de uma peça anatômica com etiqueta de identificação semelhante à descrita no artigo do pesquisador Cezar Guerreiro, publicado em 1921 no *Boletim do Instituto Oswaldo Cruz*. A partir da análise conduzida em conjunto com a curadoria, considerou-se a possibilidade de tratar-se do mesmo espécime biológico, dada a convergência entre as informações descritas no artigo e as características observadas na peça. Ainda que não seja possível estabelecer uma correspondência definitiva, devido à ausência de documentação primária — como fichas, prontuários e catálogos da coleção — e à inexistência de identificação numérica do caso ou do número de autópsia na referida publicação de 1921, os indícios observados indicam uma forte semelhança.

Na publicação intitulada *Sobre um caso de arteriosclerose muito acentuada* (Guerreiro, 1921), o autor relata o caso de um paciente do sexo masculino, de 75 anos, de nacionalidade italiana, que apresentava dores vagas na região abdominal e episódios de "diarreia de sangue", vindo a óbito na manhã seguinte. Diante da ausência de um diagnóstico clínico conclusivo, o corpo foi encaminhado à Seção de Anatomia Patológica (SAP) para realização de autópsia e subsequente exame anatômico. No laudo, foi registrado o seguinte diagnóstico: "arteriosclerose (*truncus coeliacus*) generalizada, com maior intensidade na região abdominal". Para aprofundamento do caso, o autor realizou o exame microscópico de tecidos preparados em blocos e lâminas histopatológicas. A análise revelou a presença de gastrite com trombose vascular, associada a uma lesão gástrica de mesma etiologia (Guerreiro, 1921, p. 7).

**Figura 2** - Sobreposição da peça anatômica n. 732 e fotografia do intestino do artigo de 1921.



Fonte: Acervo do Museu da Patologia do Instituto Oswaldo Cruz; Guerreiro (1921).

Na publicação de Cezar Guerreiro, *Sobre um caso de arteriosclerose muito acentuada* (1921) relata que um indivíduo de 75 anos, italiano, sofria de dores vagas no abdômen e "diarreia de sangue", vindo a óbito na manhã seguinte. Sem um diagnóstico clínico conclusivo, o corpo é encaminhado a SAP para autópsia e posterior exame anatômico. No laudo constava o seguinte: Arteriosclerosis (*Truncus coeliacus*) generalizada, sendo maior no abdômen. Em seguida, para maior verificação, por meio de estudo microscópico dos tecidos preparados em blocos e lâminas histopatológicas, o autor realiza a observação no microscópio e conclui se tratar de gastrite com trombose de vasos, acompanhada de uma lesão gástrica de mesma causa etiológica (Guerreiro, 1921, p. 7).

No restante da publicação, encontramos imagens da peça anatômica e dos cortes microscópicos que eram conservados e preservados pelo Museu de Anatomia Patológica. Analisamos, assim, que um caso analisado na Seção de Anatomia Patológica (SAP) era acompanhado por: (1) Exame anatômico: órgão humano ou animal, derivado de autópsia post-mortem, conservado por fixador e acondicionado em frascos de vidros, resultando em uma peça anatômica. (2) Exame microscópico: diagnóstico histopatológico que consistia na retirada de fragmentos do material biológico e processado por técnicas laboratoriais, em que, o tecido é fixado em blocos de parafina e cortado em finas camadas onde são depositados em

lâminas de vidro com lamínula e corados em preparações destinadas a serem observadas no microscópio. (3) Documentação: todos os espécimes eram identificados e seu processo de pesquisa registrado em livros de protocolos no laboratório, em cadernos dos pesquisadores, imagens, ilustrações e etiquetas que eram associados por meio de numeração única da autópsia e de entrada no Museu, estes documentos faziam parte da rastreabilidade e autenticidade dos experimentos.

Em averiguação com a curadoria do Museu e especialistas do Laboratório de Medicina Experimental em Saúde, ambos do Instituto Oswaldo Cruz, refletimos na possibilidade de se tratar do mesmo espécime biológico e assim, associarmos mais um acervo científico. Entretanto, apesar da lesão pseudomembranosa descrita na publicação e a peça anatômica n. 745 serem morfológicamente semelhantes, não temos outros elementos necessários para a identificação, como numeração presente no ensaio de 1921. Isso, ocasiona uma imprecisão, já que apesar de suas semelhanças e a sobreposição das imagens, sem a documentação dos prontuários e/ou catálogo original da CSAP, as inconsistências dificultam as correlações.

Conforme defendido por Sanjad e Costa (2021), a documentação é indispensável para transformar coleções biológicas em fontes de pesquisa científica e cultural. A documentação amplia essas narrativas, permitindo que o objeto seja analisado como um testemunho multidimensional, reside na capacidade desta última, de mediar os valores intrínsecos e extrínsecos dos objetos, atua como um elo que conecta o passado e o presente.

Esse conjunto de informações transforma o objeto em um testemunho complexo, capaz de dialogar com diferentes áreas do conhecimento, incluindo taxonomia, biologia, ecologia, museologia e história. De acordo com a Rede Brasil de Patrimônio Cultural da Saúde (BVS, 2005), o patrimônio da ciência e da saúde integra dimensões históricas, culturais e simbólicas dos bens ligados às práticas científicas e de cuidado, evidenciando sua relevância como testemunho do desenvolvimento social e tecnológico. Entretanto, o reconhecimento de espécimes biológicos como objetos museológicos ainda enfrentam resistência dada a sua natureza material, sobretudo pelo conceito limitado de patrimônio cultural (Silva; Santos, 2022, p. 233).

A documentação em coleções científicas constitui uma etapa fundamental no processo de musealização, embora frequentemente receba menor atenção, especialmente quando relacionada a coleções biológicas. Trata-se, contudo, de uma ação essencial para a qualificação do acervo, pois é por meio dela que se assegura a plena utilização dos espécimes

incorporados como fontes de informação científica. Como afirma Sanjad e Costa (2021, p. 3), a documentação é imprescindível para “[...] qualificar uma coleção e garantir que novos espécimes incorporados no acervo sejam plenamente utilizados como fontes de informação”.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A documentação constitui o elemento central que permite a transposição de espécimes biológicos ao *status* de objetos museológicos. No nível individual, o espécime biológico compreende a peça anatômica em si, portadora de características intrínsecas, tais como identificação clínica, diagnóstico histopatológico e informações sobre coleta e procedência. Contudo, esse mesmo espécime adquire outra dimensão quando descontextualizado de seu ambiente original, seja ele o laboratório, a clínica ou o hospital, e inserido no universo simbólico do museu. Nesse processo, transforma-se em objeto museológico, entendido não apenas como materialidade física, mas como signo e testemunho multidimensional, capaz de representar valores científicos, históricos e culturais. De modo análogo, a coleção como um todo, constituída pelo conjunto desses espécimes e pelas informações associadas, também assume a condição de objeto museológico. Mais do que a soma de suas partes, a coleção é interpretada como recorte de conhecimento, memória e cultura, adquirindo valor intrínseco e extrínseco que a qualifica como patrimônio científico e cultural.

A qualificação de espécimes biológicos como objetos museológicos, enquanto fundamento central da Museologia e da Ciência da Informação, depende diretamente da recuperação, do tratamento e da manutenção das informações documentais a eles associadas. A documentação constitui, nesse processo, o elemento de mediação capaz de transformar o espécime de mera peça biológica em testemunho multidimensional, enriquecido por significados culturais, históricos e científicos. Assim, a implementação de um sistema documental robusto e integrado revela-se indispensável para assegurar rastreabilidade, autenticidade e contextualização, possibilitando que esses acervos transcendam sua função original e dialoguem com diferentes áreas do conhecimento. A experiência da Coleção da Seção de Anatomia Patológica do Museu da Patologia do Instituto Oswaldo Cruz evidencia lacunas históricas e perdas documentais resultantes de fatores diversos, incluindo contextos políticos adversos, como a ditadura militar.

Esse cenário é agravado pela recorrente subvalorização da documentação em comparação à preservação física dos objetos, o que gera inconsistências e fragmentação entre fontes informacionais. Outro obstáculo relevante consiste na complexidade de conciliar padrões museológicos com as especificidades da documentação científica de espécimes biológicos. A adaptação de sistemas de gestão de acervos para responder a essa demanda tende a elevar os custos financeiros e operacionais, ao mesmo tempo em que a compreensão restrita do patrimônio cultural frequentemente exclui a plena musealização desses espécimes, dificultando a destinação de recursos e esforços à documentação.

Esses desafios requerem, sobretudo, um compromisso institucional sólido que reconheça a documentação como dimensão indissociável do processo de musealização. Esse compromisso deve se traduzir em investimentos contínuos direcionados a três eixos fundamentais: a) recuperação e reconstituição informacional, por meio de metodologias que integrem fontes secundárias e iniciativas de mapeamento de pesquisadores, visando restaurar vínculos e preencher lacunas históricas; b) padronização e integração de sistemas, de forma a harmonizar metadados clínicos, científicos e museológicos, assegurando interoperabilidade, consistência e rastreabilidade; e c) valorização da documentação como prática estratégica e não acessória, essencial ao desenvolvimento da pesquisa, à promoção da educação e à difusão do patrimônio científico e cultural. A documentação museológica, especialmente no contexto de coleções anatômicas, assume papel central ao evidenciar que essas peças não devem ser compreendidas como objetos isolados, mas como componentes de um sistema mais amplo de produção e circulação de conhecimentos técnico-científicos.

As peças anatômicas preservadas em coleções médicas ou científicas, quando acompanhadas de documentação consistente, ultrapassam a função de mero registro material do avanço da ciência em determinado período histórico, passando a incorporar narrativas sobre práticas sociais, condições sanitárias e técnicas de preservação. A documentação, nesse sentido, potencializa a análise desses objetos como testemunhos multidimensionais, possibilitando sua leitura em múltiplas camadas de significados. A interseção entre o patrimônio da ciência e da saúde e a documentação museológica reside, portanto, na capacidade desta última de mediar valores intrínsecos e extrínsecos dos objetos, qualificando-os como testemunhos culturais e históricos, fundamentais para a preservação e a difusão da memória científica.

## REFERÊNCIAS

ALBERTI, Samuel J. M. M.; HALLAM, Elizabeth. Bodies in Museums. *In*: ALBERTI, Samuel J. M. M.; HALLAM, Elizabeth (ed.). **Medical Museums: past, present, future**. London: Royal College of Surgeons, 2013. p. 1-15.

ALBERTI, Samuel J. M. M. Objects and the museum. *Isis*, v. 96, n. 4, p. 559–571, 2005.

BENCHIMOL, Jaime Larry. Retratos do cotidiano em Manguinhos. **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**, Rio de Janeiro, v. 29, n. 1, p. 215-243, jan./mar. 2022.

BRULON, Bruno. Os objetos de museus, entre a classificação e o devir. **Informação & Sociedade**, João Pessoa, v. 25, n. 1, p. 25-37, 2015.

CERAVOLO, Suely M. **Proposta de sistema de informação documentária para museus (SIDM)**: a organização da informação para o Museu de Anatomia Veterinária (FMVZ/USP). 1998. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1998.

CLAES, Tinne; DEBLON, Veronique. When nothing remains: anatomical collections, the ethics of stewardship and the meanings of absence. **Journal of the History of Collections**, v. 30, n. 2, p. 351–362, jul. 2018.

COSTA, Jane *et al.* Coleção entomológica do Instituto Oswaldo Cruz: resgate de acervo científico-histórico disperso pelo Massacre de Manguinhos. **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**, Rio de Janeiro, v. 15, n. 2, p. 401-410, jun. 2008.

DANIEL-RIBEIRO, Cláudio Tadeu; SAVINO, Wilson. O Instituto Oswaldo Cruz: 115 anos de ciência para a saúde da população Brasileira. **Anais do Instituto de Higiene e Medicina Tropical**, Lisboa, v. 13, p. 103-109, 2018.

EDLER, Flavio. O debate em torno da medicina experimental no Segundo Reinado. **História, Ciências, Saúde: Manguinhos**, Rio de Janeiro, v. 3, n. 2, p. 284-299, jul./out. 1996.

GUERREIRO, Cezar. Notas de Anatomia Pathologica sobre um caso de arterio-sclerose muito acentuada. **Boletim do Instituto Oswaldo Cruz**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 1-8, jan. 1921. Disponível em: <https://www.arca.fiocruz.br/handle/icict/51947>. Acesso em: 5 jan. 2025.

LENT, Herman. O massacre de Manguinhos. *In*: LENT, Herman. **O massacre de Manguinhos**. 2. ed. Rio de Janeiro: Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ EBooks, 2019. p. 22–74. Disponível em: <https://doi.org/10.7476/9788575416402.0003>. Acesso em: 7 ago. 2025.

LENZI, Henrique; LENZI, Jane Arnt. História do Departamento de Patologia: Instituto Oswaldo Cruz - FIOCRUZ. *In*: FRANCO, Marcelo Fabiano de; SOARES, Fernando Augusto (ed.). **A História da patologia no Brasil**. São Paulo: Sociedade Brasileira de Patologia, 2001. p. 135-143.

**XXV Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação - XXV ENANCIB**  
**Rio de Janeiro, RJ - 03 a 07 de novembro de 2025**

LIMA, Diana Farjalla Correia. Museologia: Museu e Patrimônio, Patrimonialização e Musealização: ambiência de comunhão. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi: Ciências Humanas**, Belém, v. 7, n. 1, p. 31-50, jan./abr. 2012.

OLIVEIRA, Barbara Cristina Euzebio Pereira Dias de; MACHADO, Marcelo Pelajo. Museu da Patologia: gestão e áreas de atuação. *In: SIMPÓSIO FLUMINENSE DE PATRIMÔNIO CULTURAL - CIENTÍFICO: PLANOS INTEGRADOS DE PRESERVAÇÃO*, 1., 2011, Rio de Janeiro. **Anais do Simpósio Fluminense de Patrimônio Cultural**. Rio de Janeiro: [s.n.], 2011. p. 157-169.

PALUCHOWSKI, Piotr. *et al.* Insight into the history of anatomopathological museums: Part 1. From casual assemblages to scientific collections. **Polish Journal of Pathology**, [S.l.], v. 67, n. 3, p. 207-215, 2016.

SANJAD, Nelson; COSTA, Sue. Comentário III: Reflexões sobre a gestão de coleções biológicas. *Anais do Museu Paulista: História e Cultura Material*, São Paulo, v. 29, p. 1–15, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1982-02672021v29e34>. Acesso em: 23 jun. 2024.

SANTI, Raffaella *et al.* Voices from the past: results of the ESP history of pathology working group survey on pathology museums. **Virchows Arch**, [S.l.], v. 480, n. 103, p. 1231–1238, 2022.

SANTOS, Cláudia Penha dos; LOUREIRO, Maria Lúcia de Niemeyer Matheus. A Documentação museológica das coleções de ciência e tecnologia em ambiente digital: o caso do Museu de Astronomia e Ciências Afins. **Museologia & Interdisciplinaridade**, [S.l.], v. 10, n. esp., p. 135–157, 2021.

SERRES, Juliane Conceição Primon. Preservação do patrimônio cultural da saúde no Brasil: uma questão emergente. **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**, Rio de Janeiro, v. 22, n. 4, p. 1411-1426, out.-dez. 2015.

SILVA, André Felipe Cândido da. **A trajetória científica de Henrique da Rocha Lima e as relações Brasil-Alemanha (1901-1956)**. 2011. Tese (Doutorado em História das Ciências e da Saúde) - Casa de Oswaldo Cruz, Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2011.

SILVA, Giselle Santos; SANTOS, Paulo Roberto Elian dos. A documentação museológica de um patrimônio cultural da saúde: o caso da coleção museológica do Museu do Instituto Evandro Chagas. **Museologia & Interdisciplinaridade**, [S.l.], v. 11, n. esp., p. 231–250, 2022.

SOARES, Pedro Paulo; NOGUEIRA, Inês. Antecedentes 1900 - 1986. *In: BEVILAQUA, Diego Vaz; RAMALHO, Marina; ALCÂNTARA, Rita; COSTA, Tereza (org.). Museu da Vida: ciência e arte em Manguinhos*. Rio de Janeiro: Fiocruz/Casa de Oswaldo Cruz, 2017. p. 26.

SODRÉ, Antônio Augusto de Azevedo. Carta de Vienna: o ensino da medicina na Alemanha e na Áustria. **O Brazil-Medico: correspondência**, Rio de Janeiro: Policlínica Geral do Rio de Janeiro, v. 16, n. 45, p. 453-455, 1902.

SOUZA, M.; BOTELHO, R. A. Métodos artificiais de tanatoconservação. **Saúde, Ética & Justiça**, [S.l.], v. 4, n. 2, p. 33-47, 1999.

TAVARES, Maria Karla Belo da Silva; BARBOSA, Bianca Scofano; OLIVEIRA, Barbara Cristina Euzébio Pereira Dias de. Museu e Medicina Experimental: a coleção da Seção de Anatomia Patológica do Museu da Patologia. *In*: RIBEIRO, Emanuela Sousa; ARAÚJO, Bruno Melo de; GRANATO, Marcus (org.). **Cadernos do Patrimônio da Ciência e da Tecnologia**: da Cultura Material à Gestão de Museus. Rio de Janeiro: Museu de Astronomia e Ciências Afins, 2023. p. 265-291.